

# O ARGOS

## CACHOEIRANO

PERIODICO POLITICO, LITTERARIO E MORAL.

O povo ganha muito mais com a liberdade da imprensa do que seus chefes. — LIÇÕES DE DIR. PUB. POR RAMON SALAS.

O Argos CACHOEIRANO publica-se nas quartas e sábados, pelo editor Joaquim Tavares da Gama; sua assignatura he de 10000 rs. moedas <sup>3</sup> pagos adiantados; os annuncios dos senhores assignantes são gratis até vinte linhas: qualquer escripto será pago a 80 rs. por linha impressa (pagos a vista). — Numeros avulsos a 160 rs.

ANNO II.

Quarta-feira 12 de Março de 1851.

NUMERO 45.

### CACHOEIRANOS!

Seja a doutrina dos livres  
Não provocar, convencer;  
Mas levados ao apuro,  
Ou triumphar ou morrer.

### MOFINA.

O Sr. Dr. delegado João Lustosa da Cunha Paranaguá, he por sua parcialidade facciosa, consentidor nos planos de morte, assassinaes e crimes já perpetrados na subdelegacia do Sr. José Ferreira Mascarenhas; e Deus não permita que sobre as vestes do Sr. Paranaguá, cahia tambem o sangue do Major Alvino, cuja vida consta que se tem de findar por estes 15 dias, segundo a sentença dada, depois da vida, e vinda da Bahia do amigo do Sr. Martins....

### O ARGOS CACHOEIRANO.

A necessidade de se nacionalisar o commercio está hoje na convicção de todos os Brasileiros; de sorte que do norte ao sul o almejo da nacionalisação do commercio está em todos os corações, porque todos contemplaõ esta medida, como huma daquellas, que tendem a salvar a sociedade brasileira d'anarchia, e pauperismo, em que vive, e que per sua continuidade, e encremento podem trazer sua completa dissolução.

Ninguém ha ali, que duvide que esta ideia está em huma das legendas magestosas, que constituem o programa do partido liberal: mas o que admira, e que passa a todos he o empenho decidido, com que a facção saquarema se esforça por sufocar o clamor geral, porém se attende-se a que, esta facção despotica tem por base de sua conservação o apoio dos portuguezes, que nos roubarão o commercio, constituindo-o sua propriedade exclusiva, veremos que não ha cousa mais natural, que esse empenho da facção em retrancar as portas da industria commercial aos Brasileiros; porque dest'arte, excluidos nós, fica o predomínio do portuguez cada dia se consoli-

dando mais, para perpetuar, por sua parte, o governo ante nacional, e sanguinario da facção.

Embora a miseria lavre per toda a sociedade produzindo seus terríveis effeitos, si não doem disso os homens, que estão na governança: ao contrario se regosijão; porque contemplaõ nesta miseria, e pauperismo hum dos elementos da escravisação dos povos: elles sabem que a maxima favorita do despotismo, he *embrutecer, empobrecer para escravisar*, e por isso avaliando em mais sua conservação no poder, do que a felicidade dos Brasileiros, e considerando que o commercio he hum meio poderoso de liberdade, e independencia, repellem delle os Brasileiros, e muito de proposito o entregaõ aos portuguezes sob a condição, já expressa, já manifesta na imprensa governista, de serem elles os dominadores com tanto que retribuão a facção, de que fazem parte, com o poder invencivel, que dahi resulta.

Assim foi, que apenas a voz eloquente do mais puro, do mais nobre patriota preferio a palavra regeneradora — *nacionalisação do commercio*, — a facção se agitou em seus antros tenebrosos, e vio cortados pela base os planos iniquos da escravidaõ dos Brasileiros: vio que hum povo n'abastança, ja não dizemos na riqueza, na prosperidade, he difficilmente reduzido a escravidaõ, e quando se dá este cataclismo, se sente com forças superabundantes para quebrar seus ferros, e reconquistar a liberdade, e a soberania, que são seus dons celestes: para logo a intriga, e o ouro dos portuguezes profusamente derramado elevaõ a facção saquarema, que representa o despotismo, e a escravidaõ, ao mando dos poderes governamentais: então a perseguição, o extermínio dos liberaes, que em a nacionalisação do commercio viraõ a realidade da independencia, a liberdade, e progresso dos Brasileiros, foi jurada com sangue; e este sangue devia ser pesado a ouro.....

A prova de que os portuguezes são inimigos do povo brasileiro, e que se empenhaõ, em que seja elle massacrado, es-

cravando, foi irrecusavel, deo os olhos de todos, e se mostrou nesse consorcio solenne, que os Brasileiros saquaremas com elles celebraõ, e a que elles tão cordial, e affanosamente se prestarão, attra-hindo sobre si o peso immenso da responsabilidade dessas desgraças, dessas calamidades, que devastaõ os Brasileiros, e que haõ feito que, milhares de familias misturem no pranto da dor a migalha do pão da vida! Sem porém enumerarmos os males que he resultado do empenho da facção em entregar o commercio ao dominio exclusivo dos portuguezes para seguranca de seu systema de escravidaõ, notemos aquelle facto, que por mais relativo demonstra a nossa asserção, e convence a sazes Brasileiros, que se presta a servir a facção, de que elles estão fazendo a sua, e a desgraça de seus filhos, e descendentes: esse facto he a ousadia ostensiva com que os portuguezes tem nesta epocha affluído para o commercio: o que per si só prova a protecção, que lhes da a facção, e a segurança, em que estão elles de que o commercio não lhes será jamais tirado.

Sobre esta ousadia e sobre esta segurança fallaremos no n. proximo, principiando d'aqui mesmo da Cachoeira.

Aos Srs. assignantes:

A falta de pagamento das mensalidades, para recorreõmos as despesas indispensaveis deste periodico, nos tem posto em alcance; e he por isto que vamos pedir aos Srs. assignantes, que estão a dever mensalidades, e bem assim a aquellos, que ainda não pagaraõ nem huma, a contar de setembro, mez em que principiou a sair o Argos Cachoeirano, q' nos ajudem contribuindo com o que estão a dever; porque os mesmos Senhores podem comprehender que não he, nem conforme a justiça, nem a generosidade que recebendo se regularmente as folhas, falte se a contribuição mensal por espago de sete meses: isto aos Srs. que ainda não pagaraõ huma só mensalidade; e quanto aos que estão alcançados

lhes advertimos que sem sua cooperação generosa, e patriótica nos não tiraremos do alcance, em que estamos; no aprego porém que fazemos de sua probidade, e patriotismo, esperamos a realidade de suas contribuições.

Recebemos — da Bahia o *Seculo* de n. 334 a 339; o *Guaycurá* de n. 95 a 99; o *Papagaio* ns. 20 e 21 (a muito tempo que não recebemos o *Argos Bahiano*!) — da cidade de Sant'Amaro o *Argos Sant'Amarensis* ns. 6 e 7; o *Abatirá* ns. 5 e 6. — Do Rio de Janeiro o *Correio Mercantil* de n. 41 a 52; o *Grito Nacional* de n. 239 a 251; o *Radical* n. 20; o *Philantropo* ns. 98 e 99; o *Liberal* ns. 176 e 177; o *Mourchista* n. 132 — De Itaboraahy o *Civilização* ns. 50 e 51. — Do Espirito Santo o *Correio da Victoria* de n. 7 a 9. — De S. Paulo o *Ypiranga* de n. 159 a 162. — De Santos o *Nacional* ns. 36 e 37; o *Mercantil* de n. 46 a 50.

## Bahia.

### O SUPPLICIO DA IMPRENSA.

O governo do imperador acaba de praticar um furioso attentado contra o mais sagrado e precioso de todos os direitos políticos do cidadão brasileiro.

Em esse attentado não houve somente furia de despotismo, houve mesmo luxo, alarde, ostentação de tyrannizar; houve, sobre o intuito de comprimir, determinado proposito, manifesto empenho de ultrajar a dignidade e os brios do povo, a honra da nação.

A constituição reconheceu e consagrou nos termos mais expressos que he possível o direito da emissão do pensamento pela imprensa: regulou por uma lei a pratica deste direito, deu-lhe por salvaguarda o jury.

O governo do imperador, eterno antagonista da liberdade da imprensa, porque quer o povo estúpido e cego para o ter escravo, reagiu em formal insurreição contra aquelle dogma constitucional.

Começou por inverter a indole do jury, entregou-o á inspecção da policia, de que o fez oriundo; emaranhou-o n'um labirinto de ciladas e artefactas.

Para logo vio poré a que pouco havia feito — porque o jury como quer que as mãos da policia o torturassem, tinha de necessariamente resentir-se de sua natureza democratica.

O jury profanado, maculado, poluido pelas mãos da policia, ficou ainda assim o tribunal do povo.

Estão o que não pôde o governo obter dos vicios e defeitos do jury, tentou conseguil-o por meio d'um tropel de pequenas violencias, e attentados pessoais contra o escriptor, o impressor, o distribuidor; contra todos os agentes da imprensa periodica.

D'esse novo genero de combate devia sair a imprensa ainda triumphante, para ser por fim pôsta à trates n'uma ultima provança.

O governo comprehendeu que para a luta contra inimigos tão perigosos não havia senão um recurso — era a desmoralização.

E poz por obra o seu plano.

Assalariou turmas de mercenarios, prodigalisou-lhes o dinheiro publico — e eis que nas mãos vis e inscruindas desses miseraveis, a imprensa, despida de seus perfumes e galas naturaes, appareceu nas ruas arreada com toda a impudencia e devassidão da meretriz.

Era a ultima prova.

O governo tinha quase suplantado o seu terrivel adversario.

A imprensa não a tinha o governo completamente morto, q' de suas cinzas devia ella renascer como a Phenix — tinha-lhe entretanto quebrantado as forças, tinha-a feito impotente, nullificado.

Nestes termos, que podia razoavelmente temer da imprensa o governo? Em que podia ella assim ser funestao ao poder anarchico que avassala e esmaga a sociedade. Em que perturbaria ella o reinado da tyrannia, as delicias do despotismo?

Mas o governo do Sr. D. Pedro 2. não quer guardar pretextos nem disfarces; quer ser tyrano sem dissimulação, despota sem reboço.

E pois ahí tendes a tyrannia e despotismo desse governo infinitamente anarchico em toda a luz da sua evidencia, em toda a pujança e arrojo do seu luxo oriental.

O acto do ministro da justiça, de 15 de janeiro proximo findo, dirigido circularmente a todos os procensules das estrapias deste imperio, sequestrando ao tribunal do jury os processos da imprensa, entregando-os aos beliguias da policia, a juizes espurios, que a constituição não creou; invadindo e ultrajando ao mesmo tempo as atribuições do poder judiciario e as do legislativo, he não ja sómente a prova palmar de que nada absolutamente valem nesta monarchia constitucional os direitos constitucionaes do cidadão, mas ainda do profundo despreso em que são tidos os brios nacionaes, a dignidade desse povo, a quem tão ousadamente cópe o governo á face a ignominia do captiveiro.

Tanta ousadia, tanto escarneo, tanto alardear de despotismo, não houve por certo da parte do despota valido da rainha de Portugal, nem de Luiz Napoleão = que ao menos ali n'um como n'outro paiz foram as mãos d'um simulacro de poder legislativo as que ergueram os cadafalsos da imprensa.

Aqui he o executivo, he o governo do Sr. D. Pedro 2. são os seus ministros que a enforcam. He puro despotismo, pura e descarada tyrannia = he a anarchia monarchica em todo o clarão e esplendor de suas chammas.

Mas diziamos ha pouco, que, não tendo o governo do imperador em maneira alguma a acção da imprensa; porque em verdade ella o não embarga actualmente de reinar em toda força da mais desenvolva e desenfreada tyrannia, era preciso crer que menos por outra causa, que por luxo de ser e parecer tyranico praticara o governo o acto insolito de 15 de janeiro.

Credes, entretanto, que não ha ahí mais que isso?

Oh se o ha!....

Esse acto, atacando a essencia de todos os direitos dos cidadãos, e ferindo essencialmente a independencia e attributos de dous poderes organicos da sociedade politica, tem por evidente fim nada menos que o calculado empenho de provocar a desordem, de trazer a anarchia do governo para o povo, de romper os diques da resignação publica, e abrir as fauceas ao antro da guerra civil e da subversão — porque esse governo atroz vê o futuro que se aproxima, e para o procrastinar tem necessidade de devastar o povo, de trucidar os republicanos — urge-lhe a carnagem.

Em outro paiz, que não neste, semelhante acto, por certo, ou produziria esse immediato resultado, ou pelo menos para vingar os direitos e a dignidade do povo verieis como ahí se ergueriam unanimes os poderes judiciario e legislativo — o 1.º reagindo contra o acto despotico, negando-lhe a não devida obediencia, oppondo-lhe a força poderosa da resistencia passiva, resistindo-lhe com o poder irresistivel da inercia — e 2.º arrastando para a barra da responsabilidade o ministro perjuro e traidor, que assim provoca a anarchia, que assim cava um abysmo aos pés do principe.

No Brasil porém nem a primeira hypothese se dará felizmente, nem a segunda.

Não a primeira -- porque o povo comprehende o pensamento canibal do governo, e tem bastante experiencia de tino para não comprometter o seu futuro, para não precipitar os destinos de Deus.

Não a segunda — porque o poder judiciario neste paiz he uma triste servo dos ministros, e o legislativo he uma irrisão: porque não ha realmente neste paiz e sob este systema que felizmente nos rege senão um unico poder real, soberano, omnipotente — a anarchica da corte.

N'este estado, pois — que nos cumpre a nós outros, legionarios fieis da imprensa, que ahí a vemos sobre o patibulo assassinada?

A nós?.....

Façamos nesse dever. Cubramo-nos com o seu sancto sudario, acompanhemol-a em seu heroico supplicio.

E depois, e por fim, em nome do futuro, em nome da augusta democracia, escrevamos este solemne protesto sobre a lousa de todos os tyranos, arrojemo-lo por sobre as ossadas maldictas de Napoleão, de Carlos X, de Luiz Philippe, de

Pedro I. . . . de todos os algozes da imprensa. — E confie-se na Providencia.

(Do Guaycurú.)

### AINDA NÃO É TEMPO!!

É destino da humanidade lutar incessantemente entre a tyrannia e a liberdade, succumbir aqui, erguer-se acolá.

Desde que a historia ou a tradição nos conservaõ memorias do mundo não vemos outra cousa por toda a terra.

E da liberdade podemos dizer o que dos costumes escrevia Seneca a Lucilio "que nunca houve tempo algum em que só fossem bons ou só más; mas que se podia comparar ás aguas do mar, ora cavadas em ondas de tempestade, ora murmurando em bonança, mas sempre agitadas, porque é o movimento, natureza e qualidade sua. . . Assim é o espirito de liberdade ora mais violento e geral, ora mais saezgado e parcial, mas sempre constante em movimento, porque essa é a sua natureza, a do homem e a da sociedade.

O liberalismo, na mais larga accepção da palavra, é antes um sentimento elevado e generoso do que um complexo de doutrinas. É uma bandeira politica em cujas fileiras se alistaõ todas as brilhantes aspirações de progresso social e humanitario. A defeza dos opprimidos, a reforma dos vicios das instituições, o combate leal e franco de todos os desvarios da autoridade, são outros tantos vinculos moraes que unem os seus propugnadores.

Mas isto não estabelace uma solidariedade de doutrinas; não é sufficiente para elevar os partidos dechidos á uma posição assaz forte para resistir á torrente dos acontecimentos; para encana-la, torce-la ou pôr-lhe diques; nem para firmar os alicerces de um novo estado de cousas em que os seus sacrificios e esforços possaõ lançar um marco que symbolise uma nova era na carreira dos melhoramentos.

E jamais a santa tarefa do liberalismo será dignamente cumprida se não quando, a par da mais tenaz e vigorosa opposição aos abusos presentes, se concertarem os melhoramentos e reformas que hão de assignalar o seu triumpho.

Em quanto não for comprehendida e executada esta restricta e severa obrigação da opposição liberal, ella verá sempre malogrados os fructos de suas fadigas e seffrimentos. Seu triumpho será sempre ephemero, porque ao momento da victoria, a cessação dos martyrios tornará tibios e freuzos aos amigos da liberdade. Suas desconcertadas aspirações hisitaraõ em romper as difficuldades que sempre se antepõe a qualquer innovação, e veozmente voltará a antiga tyrannia, ou novos tyrannes surgiraõ do proprio seio dos vencedores.

Ao pavo pois se deve ensinar esta grande verdade, que em presenca dos padecimentos e affrontas sub cujo peso ge-

me, lhe cumpre curar não só de combater aos que o ultrajaõ e opprimem, como de levantar o pendão prostrado da justiga, que seus direitos não serão effectivamente respeitades em quanto só attentar para o que fazem os inimigos do socego publico. É preciso mais preparar as cousas para que seja proficuo o triumpho. Não basta vencer os tyrannes, cumpre debellar a tyrannia.

O orador grego que mais vehementemente fulminou aos terriveis inimigos da liberdade, e ao mesmo tempo á seus frouxos amigos, assim fallava aos Athenienses: "Quereis continuar á andar como ociosos pelas pragas perguntando uns aos outros — o que á de novo? — E que maior novidade pode haver do que subjurar o Macedonio aos Athenienses e estar dando leis á Gracia? — Já morreria Philippe? — (pergunta um). Não, responde outro, mas está deante. — E que vos importa a vós isso? Pois se algum mal lhe acontecer a elle, cedo vós fareis vós mesmos, outro Philippe, de deute modo cuidais das coisas; pois nem aquello tanto por suas forças cresceu quanto pela nossa negligencia "

Memorandas e eloquentes palavras estas que encerrão uma lição que milhares de exemplos tem corroborado!

Ha cahido o ministerio? Podem as victimas esperar a ultimação dos supplicios? Podem os opprimidos, os feragidos, os deportados antevar a proximidade da cessação do martyrio?

São estas as anciadas questões que reciprocamente se dirigem os proscritos e vencidos, nestes dias em que palavras de ameaça e exterminio seõ em todos os angulos da nossa terra natal.

Mas, esteril será toda a concentração de vontades, se unidas para estigmatizar os oppressores, o mesmo impulso e esforço não preparar effizamente os meios de affogar e aniquilar para sempre os elementos de corrupção e desordem que conduzirão o paiz ao aviltamento a que está redazido.

Cumpre que o liberalismo não seja só um grande e admiravel sentimento; mas que se formule em doutrinas, em principios que claramente enunciados se apoderem dos corações com toda a fer-taleza de uma verdadeira crença.

O que faremos? O que exigiremos? Que veredas novas haveis seguir? São outras tantas questões que devemos resolver em frente dos acontecimentos, se dos factos queremos tirar lição e ensino, se queremos arredar definitivamente as causas dos flagicios publicos.

Continúa.

### NOTICIAS DE FERNANDO

Sabbado 22 do corrente chegou neste porto, procedente do de Fernando de Noreña, o patacho Pirapama, conduzindo a seu bordo o preso politico o Sr. capitão Antonio Feitoza de Mello, que a requerimento seu veio para o Brum

tratar de sua saude, e o Sr. Eduardo Francisco Nogueira Angelim com sua familia, o qual depois de dezeseis annos de prisão e de martyrios horriveis ja naquella ilha, onde esteve dez e já por diversas fortalezas, prisangas, e outras prisões vai ser restituído á liberdade por ter findo o tempo do seu cruel depredo. O Sr. Angelim trouxe de Fernando sua consorte doude, e oito infelizes filhos, que naquelles inhospites rochedos comerão com elle o pão da miseria. O seu estado é deploravel, e não pôde deixar de sensibilisar a todos os corações bem formados.

A febre amarella e a hexiga tinbão-se desenvolvidos na ilha, e contão os passageiros que com tal intensidade que poucos dos que tem sido por ellas acomettidos tem escapado. Morrerão das febres dous filhos de ajudante da ilha, o Sr. Lobo, almoxarife Joaquim Pedro de Lima, e diversas pessoas.

Os nossos amigos os Srs. Dr. Lopes Netto, Borges da Fonseca, Feliciano Joaquim dos Santos e Antonio Joaquim Xavier Borges ficavão doentes, e a ilha ameaçada com falta de recursos. Esperava-se que o Feliciano viesse tambem agora, attento o seu estado morboso, e ter elle requerido uma remoção de prisão para aqui, afim de curar-se, e não sabemos por que fatalidade sua vinda se não realisou.

O comandante da ilha o Sr. tenente coronel José Maria Ildefonso, continúa a tratar os presos politicos com attenção e urbanidade, e consta nos que tem adocado a sorte dos miseraveis sentenciados que allise achão. Falla-se que o Pirapama volta nestes oito dias para aquelle porto, afim de levar farinha, e outros seccerros. Até quando estarão em Fernando os nossos amigos?!

(Da Imprensa.)

### O CANTO DO RECRUTA.

Eu era bem feliz  
No meu viver de pobre;  
Não invejava a sorte  
Do rico, nem do nobre.

Na terna companheira,  
Q' á pouco o céu me deu,  
No meu primeiro filho  
Via o thesouro meu.

Quando—papde—sorrindo,  
Dizia-me o innocente,  
Eu a'elle me revia,  
Chorando de contente.

De mim, de sua nora  
Affages e meiguice,  
A meu pee alisavam  
As rugas da velhice.

Elle (infeliz!) que tanto  
Fez, e se expoz na guerra  
Da Independencia—arrimado  
Só tinha em mim na terra.

D'uma irmã, que perdido

De fresco o esposo houverá  
Depois de recrutado,  
Também amparo eu era.

Da terra cultivada  
Semente por meu braço  
Tirava para todos  
Um alimento escasso.

E todavia alegre  
Passava os dias meus  
Na minha humilde choga,  
Louvando sempre a DEOS,

Por causa d'eleições  
Um despota ruim  
Meu inimigo—cabo  
Jurára dar de mim,

Um dia q'assentado  
A' porta do meu lar  
Co'o meu filhinho estava  
Aos beijos, á brincar—

Escolta de soldados,  
Que feras pareciam,  
Ao peito me apentando  
As armas que traziam—

De prisão a voz me deram,  
E logo, segurando-me,  
Dos braços o innocente  
Tiram-me, as mãos ligando me.

As choro da criança,  
A's vezes ao rumor,  
Minha familia acode  
Cheia de susto e dor.

Razões, supplicas, lastimas  
De balde ella empregou;  
De balde DEOS e a Lei,  
Carpindo-se, invocou.

De couce d'espingarda  
A golpes, sem cessar,  
Fui—quasi estatua fria—  
Fergado a caminhar.

Meu filho mais cherava....  
Minha mulher (caitada!)  
Agude ai soltando,  
Cair vi desmaiada.

Meu velho pae, do abalo  
Terrivel que sentiu,  
Alienado, após  
Dos barbaros seguiu.

Das coisas, q' em delirio  
O misero fallou,  
Foi a reapeata um tiro,  
Que morto o derribou.

Não sei como fiquei,  
Assim vendo expirar  
Meu pae—sem abraço lo,  
Sem o poder vingar.

Accorrentado, como  
Escravo fugitivo,  
Aqui entrei um dia,  
Mais morto do que vivo.

E logo de soldado  
Esta libré tomei,  
Com quebra da merai,  
Com menosprezo á lei.

Em vil tarimba immunda  
(Quem me dizesse tal!)  
Trocado vejo hoje  
Meu leite conjugal!

Da meu filhinho risos,  
De minha esposa amores  
Mudados vejo em sanhas  
De rispados senhores!

De todas quantas soffro,  
A dôr que mais me mata,  
E' o pensar no horrivel  
Castigo da chibata.

Civilisado e livre,  
Não, o psiz não é,  
Onde tão aviltante  
Pena inda existe em pé.

Jamais o brasileiro  
A dare supportar—  
Morra—n' o soffra pena,  
Q'o põe do escravo a par.

Qual esse recrutado,  
Que de soldado a sorte  
Para evitar, nas ondas  
Bebeu d'um trago a morte—

Também suicidar me  
Quiz no seu caso eu;  
Mas vi viuva a esposa,  
Orfão o filho meo;

Vi de meu pae o tum'lo,  
Que rézas de piedade  
A mim pedia, e lagrimas  
De filial saudade;

E logo dentro d'alma  
Raisou me uma esperanza  
Da minha liberdade,  
Da dia da vingança.

Devo viver por tanto;  
Devo no Céu ter fé:  
Muda no mundo tudo:  
—Deus—sempre o mesmo é. (\*)

(Do Argos Bahiano)

(\*) Esta poesia, e a —Visão do Caturá— são do auctor da *Sombra do Martyr*.

## ANNUNCIOS.

O administrador do trapiche — Pezo do Fumo — desta cidade, tem por bem declarar aos Srs. negociantes de tabaco dessa cidade da Cachoeira, que é falsa a noticia vulgarisada de se achar o dito trapiche em estado de não mais poder receber fardos, e de os rejeitar; noticia esta espalhada sem duvida por alguns barqueiros, que querendo aproveitar os =dous vintens= de pexinxa que recebem dos armazens de caxaga de caes dourado, por cada fardo que para ali levão, servem-se della para justificarem-se, fazendo nelles suas descargas, á pretexto de não as terem no — Pezo — quando, aliás, este se acha em estado de dar prompto expediente, tante á entrada, como á sahida. Bahia 20 de fevereiro de 1851.

## O ALMOTACE'

# N.º 14

## Sahira'

amanhã 13 do corrente: está excellente.

Bernardo Alves da Silva, morador n'esta cidade, vai a Europa tractar de sua suade, e de seus negocios, e por isso roga as pessoas que lhe devem venhão no prazo de trinta dias pagar o que devem, e na sua ausencia o farão a sua mulher D. Maria Arcolina da Silva, a qual fica authorizada com procuração bastante, e outros para este fim. Apesar de que o annunciante se não julgue dever nada a pessoa alguma, com tudo quem se julgar seu credor deverá apresentar sua conta n'aquelle prazo Cachoeira 1.º de Março de 1851. — Bernardo Alves da Silva

Na cidade da Bahia loja n.º 36 D. E, a rua direita de palacio, se dirá quem vende tres lettras no valor de reis 293\$818; passadas ao casal do annunciante pelo Sr. Aurelio Garcia Coelho, morador na cidade da Cachoeira; cujas lettras se achão apontadas e protestadas desde 30 de Março de 1833, vencendo os juros de 6 por cento ao anno: e sendo haja quem as queira comprar, o annunciante vende por preço inteiramente commodo: podendo se tractar a tal respeito na cidade da Cachoeira com o Sr. José Juvenio da Silva Caldas. Bahia 1. de fevereiro de 1851. — Victorio do Nascimento Pinto Neves.

Folhinhas para Padres, e lets da G. N., achão se a venda em casa do Sr. Luduvico Gomes de Souza, por preços commodos

Nesta Typ se dirá quem vende por preço commodo, um rico oratorio de missa, obra de gosto moderno.

Na loja de Mensorvo & Costa, vende-se a nova lei da G. N., Folhinhas para este anno, e o novo Regulamento do Sello.

A abaixo assignada viuva de fallecido Rafael, annuncia ao publico que no dia 6 de Janeiro do corrente anno, fugio de seo casal, a fazenda do Mecó, hum escravo de nome Constantino, crioulo beir. preto, de boa estatura, dentes bzm altos, nariz não muito afiado, tem muitas espinhas pela cara, com idade de 18 a 19 annos. Quem o prender, ou der noticia certa será recompensado generosamente. Mecó 17 de Fevereiro de 1851.  
Maria Florinda de Oliveira.